

***XIX ENCONTRO INTERNACIONAL DE REFLEXÃO E
INVESTIGAÇÃO***

(5 e 6 de maio de 2015)

Resumos de Conferências e Comunicações

**DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
(COMPLEXO PEDAGÓGICO)**

ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



Comissão Organizadora:

Marlene Loureiro (presidente)

Inês Aroso

Maria Luísa de Castro Soares

Natália Amarante

Susana Fontes

Apoios:

Departamento de Letras, Artes e Comunicação



Lagar da Sancha

Azeite Virgem Extra

Sabrosa - Douro

Terra de Forno Magalhães

www.lagardasancha.pt

lagardasancha@gmail.com

sob o signo da mais elementar reflexão epistemológica, serão apresentadas como casos exemplares dos desafios que hoje se colocam às Ciências da Cultura. Relativamente a este terceiro *item*, há um esboço, um vislumbre de solução que reside precisamente no mesmíssimo exercício de circunscrição da dificuldade que promovemos a montante, e que se perfila precisamente como antecâmara de um problema cerceado e esboço ainda indeterminado de uma resposta já pressagiada.

Diários juvenis em tempos de guerra: de Anne Frank a Zlata Filipovic

Carlos Manuel da Costa Teixeira
(ccteixeira@ipb.pt)
Instituto Politécnico de Bragança

Passados sessenta anos, recorda-se pelo mundo a morte de Anne Frank, a jovem cuja experiência trágica de vida ficou imortalizada nas páginas do seu diário. Propomo-nos fazer uma comunicação que tem como objeto de estudo diários escritos por jovens que viveram e sofreram as sempre trágicas consequências da guerra. Escolhemos para o *corpus* desta análise três exemplares: O diário de Anne Frank, O diário de Rutka e O diário de Zlata (as duas primeiras morreram em campos de concentração do regime hitleriano e a última viveu e sobreviveu ao longo bombardeamento de Sarajevo). Perseguimos duas linhas complementares: uma, a da análise literária das obras referidas; outra, a da teorização no âmbito das questões genológicas. Assim, perguntamo-nos: que especificidades genológicas apresentam estes diários escritos por jovens em situações tão extraordinárias e dramáticas? Por que motivo escrevem? Ou seja, o que é que as leva a escrever essa sua experiência de vida? Será apenas por uma necessidade catártica? Ou haverá a intenção de ir produzindo um documento que se constitua como testemunha? E como se “joga” a relação entre uma escrita intimista e o registo (quotidiano) de um drama coletivo? Estas são questões que orientam a comunicação que nos propomos apresentar.